

O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

Associação propagadora do livre pensamento

Summario

- CAUSAS HISTORICAS DO CHRISTIANISMO, por *Theophilo Braga*.
OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME. II, A Biblia
perante a critica, por *Teixeira Bastos*.
A RELIGIÃO E A FAMILIA, por *José de Sousa*.
UM CONTO BIBLICO, por *A. Silva*.—MISCELLANEA.

LISBOA

ATHENEU OPERARIO

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO TYPOGRAPHICA

38 Rua Nova do Loureiro 40

1885

Causas historicas do Christianismo

A passagem do Christianismo da Asia para a Europa foi a consequencia de um grande phenomeno historico, que começára a operar-se seis seculos antes, e em virtude do qual a religião hellenica nos seus mythos e fórmãs cultuaes se transformára pela influencia dos cultos syro-phenicios. Esta influencia motivada por um maior desenvolvimento de relações commerciaes e pelo contacto de novas colonias, revelou-se por modos diversos, por uma corrente de mysticismo popular de cultos secretos e domesticos, propagados pela devoção feminina e pela iniciação de doutrinas esotericas que as escholas orphicas adaptaram á velha theogonia de Heseodo.

Esta corrente religiosa chegou a Roma alguns seculos antes da evangelisação do Christianismo; de sorte que a Grecia tornou-se o centro da elaboração dogmatica da nova religião, como se vê pelos livros dos proprios padres da Igreja, e Roma achou-se pela vulgarisação do mithriacismo e da moral dos stoicos, com as condições de facil adhesão ao proselytismo evangelico. Era em Roma que, pela situação de dominadora do mundo, existiam as condições de universalidade para qualquer crença ou doutrina, e por tanto ali é que essa doença mystica do dogma da expiação podia desenvolver-se e organizar-se em uma associação disciplinada e propagandista— a Igreja.

Por este simples elenco de successão historica se vê que o Christianismo não foi um facto novo de uma crise de elaboração moral, mas sim um resultado tardio, e por isso mesmo mal comprehendido, de uma corrente mystica de cultos orgiasticos e proselyticos da Asia anterior, que desde sete seculos antes da nova éra se syncretisavam com os cultos hellenicos. O Christianismo veio interromper a propagação das Sciencias positivas da Grecia, desviando a actividade men-

tal da Civilização greco-romana para uma passividade mystica, que produziu o atraso geral da Europa até á epocha da Renascença.

Um outro facto importante se deduz d'esta evolução historica: o Polytheismo greco-romano não foi supplantado pelo Christianismo, por que a nova religião serviu-se de todos os symbolos materiaes d'esse Polytheismo das populações áricas da Europa para se introduzir na corrente dos costumes do Occidente; o proprio Polytheismo greco-romano já se havia alterado pela confusão com os cultos orgiasticos syro-phenicios, phrygio-hellenicos e medo-persas, a ponto de facilitar a implantação d'essas religiões asiaticas tão proselyticas, universalistas e hallucinadas como a religião do crucificado.

Desconhecer estas relações tão evidentes de connexão historica, é impôr o Christianismo como um facto separado dos outros phenomenos sociaes, como maravilhoso ou divino, quando elle nasceu de uma simples seita orgiastica, analoga á dos pythagoricos, dos essenios, dos therapeutas, e dos orphicos, mas que pelos seus absurdos se tornou perseguida, adquirindo por esse modo o fervor proselytico, que fez reviver as anteriores tendencias orgiasticas.

A historia do apparecimento e propagação do Christianismo no Occidente e a sua persistencia entre as raças áricas da Europa está implicita nas transformações dos cultos hellenicos pelo syncretismo com os cultos sensuaes e femininos da Asia menor, e tambem na crise que determinou a introducção d'esses cultos em Roma, principalmente a religião dos mithriacistas. São dois estadios de uma revolução moral que se passava no mundo, desde sete seculos, revolução natural proveniente do contacto de duas civilizações que se encontraram em frente uma da outra, a árica e a semita. Em quanto aos factos materiaes os povos semitas foram vencidos pelos povos áricos como se vê pelo Grego supplantando o Phenicio, e o Romano extinguindo o Carthaginez; porém, em quanto á parte moral, a civilização vencida communicou-nos o seu virus mystico, de cujo lethargo começámos a sair ao fim de dezeseis seculos, depois que a sciencia das escolas greco-romanas renasceu nos espiritos, substituindo a imaginação pela observação, a fé pela verificação experimental, e a auctoridade pela razão.

THEOPHILO BRAGA.

Os livros sagrados do Christianismo e o livre exame

II

A BIBLIA PERANTE A CRITICA

O Christianismo, tendo por berço a Judéa e sendo na sua origem, não uma religião nova, mas um desdobramento, ou uma reforma revolucionariamente preparada da religião nacional, embora posteriormente recebesse muitas e successivas ampliações, modificações e transformações pelo contacto com outros povos mais cultos e com os restos de outras religiões e pela sua adaptação a meios sociaes inteiramente differentes,—o Christianismo sempre guardou, como base fundamental da sua doutrina, os textos sagrados da religião mãe. Se, quando a Igreja catholica chegou ao seu apogeu, renegou de uma fôrma estulta e revoltante da sua origem, condemnando á fogueira e ás torturas da Inquisição, perseguindo, expulsando e roubando os perseverantes seguidores da religião de Moysés, nem por isso deixou de continuar a incluir no seu codigo religioso os livros sagrados das victimas do fanatismo e da intolerancia dominicana. São estes livros que formam a primeira parte da bagagem litteraria da religião christã sob o titulo de *Biblia* ou *Velho Testamento*, contendo a segunda parte, ou o *Novo Testamento* os livros que se referem propriamente á fundação e primeiros passos da nova doutrina.

N'um estudo sobre as fontes historicas e litterarias do Christianismo não se póde deixar de considerar toda a collecção dos textos religiosos, analysando primeiro a parte respectiva ao mosaismo e em seguida a que particularmente se occupa da religião christã. N'esta tentativa de vulgarisação das conclusões criticas seguiremos essa ordem.

Vejamos portanto o que é a Biblia.

A Biblia ou o Velho Testamento consta dos seguintes livros: *Genesis*, *Exodo*, *Livítico*, *Numeros*, *Deuteronomio*, *Josué*, *Juizes*, *Ruth*, *Reis* (4

livros), *Paralipomenos* (2 livros), *Esdras* (2 livros), *Esther*, *Job*, *Psalmos*, *Proverbios*, *Ecclesiastes*, *Cantico dos Canticos*, *Isaias*, etc., etc. N'esta vasta collecção encontramos reunidos: a Historia da criação do mundo e dos primeiros sêres humanos, a genealogia dos differentes povos, as origens e aventuras dos Hebreus, as leis promulgadas por Moysés e ditadas por Deus no monte Sinai, os codigos e regulamentos dos usos, costumes e culto do povo escolhido, a sua historia religiosa e politica, as suas chronicas, a sua litteratura, etc. Sob o ponto de vista religioso a parte mais importante do Velho Testamento é o *Pentateuco*, ou os cinco primeiros livros, que encerram as origens nacionaes e os preceitos religiosos, e são attribuidos a Moysés, o pseudo legislador dos Hebreus.

Deixando de lado por demasiadamente absurda a idéa da revelação divina, attribuida a estes livros, tanto pelos judeus, como pelos christãos — a qual desde muito recebeu o seu golpe de graça da sciencia — perguntamos: Será com effeito de Moysés o *Pentateuco*? E antes de tudo: Haverá no *Pentateuco* a unidade indispensavel para ser considerado de um só auctor? Não.

Lenormant, o sabio catholico, acceitou honestamente a demonstração d'este facto capital, feita pelos "escriptores mais auctorizados da escola protestante orthodoxa na Allemanha e na Inglaterra, tão decididos defensores da revelação e da inspiração das Escripturas como os catholicos.,, Escreve elle no prefacio da sua obra sobre *Les Origines de l'Histoire*, que a morte lhe não deixou concluir, o seguinte: "Não creio possivel sustentar por mais tempo a these do que se chama a unidade de composição dos livros do *Pentateuco*. Na minha convicção de sabio, um seculo de estudos de critica extrinseca e intrinseca do texto conduziram a este respeito a resultados positivos, que não acceitei sem custo, mas á evidencia dos quaes tive por fim de me submeter.,, (P. x). Lenormant admite, como as auctoridades a quem elle se refere, que o redactor definitivo dos quatro primeiros livros do *Pentateuco* se serviu de dois textos differentes no estylo e na exposição dos factos e de epochas diversas, os quaes elle se limitou a coser ou combinar entre si. "Sem lacunas, por assim dizer, podem-se encontrar esses dois textos primordiaes, dos quaes facilmente se levanta um certo numero de discordancias, semelhantes ás que se observam tambem nas differentes versões de um mesmo acontecimento quando é narrado em dois livros da Biblia, como nos dos Reis e das Chronicas.,, (P. XII.) Os dois textos distinguem-se facilmente pela denominação dada a Deus, n'um é Élohim e n'outro Yahveh Élohim, o que os faz designar respectivamente pelos nomes de elohista e jehovista. Ainda um outro ponto parece a Lenormant "quasi estabelecido, e isto pelas mais recentes criticas, em contrario da opinião que durante muito tempo prevaleceu: é que o jehovista, qualquer que seja a sua data precisa, é

notavelmente anterior ao elohista; que o seu escripto representa na realidade o livro mais primitivo sobre as origens d'Israel, a sua saída do Egypto e a sua estada no deserto.,, (P. xv). Estes factos tornam-se evidentes desde que se confronte, por exemplo, o capitulo I e seus versiculos do *Genesis* com o capitulo II, versiculo 4 e seguintes, onde a criação vem narrada de fôrma diversa, ou os capitulos III e IV ácerca do primeiro peccado e da descendencia de Adam com o capitulo V que é o "Livro da genealogia de Adam.,, onde não ha a minima allusão ao primeiro peccado, nem aos filhos do primeiro homem Hâbel e Qain, e á descendencia d'este, segundo a tradição jehovista. É curioso o começo d'este capitulo:

"Cap. v, 1. Este é o "Livro da genealogia de Adam.,,

No dia em que Élohim creou o homem, fel-o á semelhança de Élohim;

2. Macho e femea os creou, e os abençoou e os chamou de seu nome Adam no dia em que foram creados.

3. E Adam viveu 130 annos, e gerou á sua semelhança e á sua imagem, e o chamou, (seu filho) de seu nome Schêth; . . ., (1)

N'estes versiculos, como se vê, allude-se novamente á criação do homem e da mulher á semelhança de Deus, que os abençoou e lhes deu nome, mas não á culpa, á expulsão do Paraiso e aos primeiros filhos, como naturalmente faria o auctor se houvesse unidade de composição no *Pentateuco*. Ora pelo confronto dos dois textos combinados no *Genesis* com os fragmentos da cosmogonia phenicia, que chegaram até nós, traduzidos em grego sob o nome de Sanchoniathon e com os pedaços de uma epopeia cosmogonica da Assyria, encontrados n'uns tijolos cobertos de caracteres cuneiformes e provenientes da bibliotheca palatina de Ninive, assim como com as tradições de outros povos antigos, Egypcios, Indios e Gregos, chegou-se á conclusão de que o texto jehovista é muito mais antigo do que o elohista, e que ambos são de data posterior á epocha em que receberam a fôrma escripta as tradições cosmogonicas dos Phenicios, dos Chaldeos, dos Egypcios, etc.

D'este modo, tendo sido posta de lado a idéa de revelação divina, cae igualmente pela base a da inspiração, e fica Moysés ou quem realmente redigiu o *Genesis* reduzido ás mesquinhas proporções de compilador, e mesmo de um compilador inhabil, se o compararmos aos rhapsodos que admiravelmente ligaram entre si os cantos das epopeias homericas. O verdadeiro auctor do *Pentateuco* não fez mais do que juntar, com bem pouco cuidado e criterio, n'um só todo, differentes versões escriptas dos mesmos factos, versões essas que por seu turno já eram resumo de outras ou os ultimos vestigios de tradições bastante

(1) Lenormant, ob. cit., vol. I, pag. 15.

obliteradas. Ewald chega a reconhecer no *Pentateuco* tres ou quatro redacções sobrepostas. O *Deuteronomio* data em grande parte do seculo VII, da reforma do rei Josias.

Falta-nos agora ver se Moysés poderia ser com effeito o auctor do *Pentateuco*. São innumeradas as provas em contrario.

Por exemplo: A geographia, inteiramente moderna, é d'aquem do Jordão. As referencias ao exilio da Babylonia são evidentes nas seguintes passagens: "Eu chamo hoje por testemunhas o céu e a terra, que vós sereis bem cedo exterminados da terra, que passado o Jordão estaes para possuir: não habitareis n'ella muito tempo, mas o Senhor vos destruirá, e vos espalhará por todos os Povos, e vós ficareis poucos entre as Nações, a que o Senhor vos levará.,, (*Deuteronomio*, cap. IV, v. 26 e 27). "O Senhor te faça cair diante de teus inimigos: por um caminho saias tu contra elles, e por sete fujas, e sejas derramado por todos os reinos da terra... Os teus filhos e as tuas filhas sejam entregues a outro Povo, vendo-o os teus olhos, e seccando-se de os ver todo o dia, e as tuas mãos te fiquem sem nenhuma força. Os fructos da tua terra, e todos os teus trabalhos coma-os um Povo que tu não conheces... O Senhor te levará a ti, e a teu Rei, que terás estabelecido sobre ti, a uma gente, que nem tu, nem teus paes conhecem: e lá servirás a deuses estranhos, ao pau e á pedra.,, (*Idem*, cap. XXVIII, v. 25, 32, 33 e 36.) "E assularei a vossa terra, e vossos inimigos pasmarão sobre ella, quando entrarem a habital-a. A vós, porém, espalhar-vos-hei pelas Nações; e desembainharei a minha espada após vós; e será deserta a vossa terra, e destruidas as vossas Cidades.,, (*Levitico*, c. XXVI, v. 32 e 33). As medidas e a moeda são as do Templo, o grande Templo de Sião: "Todos os que se comprehendem n'este arrolamento darão meio siclo, segundo o peso do Templo.,, (*Exodo*, cap. XXX, v. 13). "Toda a avaliação se fará pelo peso do siclo do Sanctuario.,, (*Levitico*, c. XXVII, v. 25) "Receberás cinco siclos por cada cabeça, segundo a medida do Sanctuario.,, (*Numeros*, c. III, v. 47).

Em vista d'estas referencias a acontecimentos e a cousas que deviam succeder ou ter existencia tantos seculos depois da epocha attribuida a Moysés, absurdo seria acceitar como a expressão da verdade o que diz o versiculo 1.º do *Deuteronomio* tantas vezes repetido em todo o *Pentateuco*: "Estas são as palavras que Moysés disse a todo o Israel na banda d'aquem do Jordão na planicie do deserto, defronte do Mar Vermelho, entre Faran, Tofel, Laban e Heseroth, onde ha muitissimo ouro.,,

São abundantes as provas.

Gustavo Tridon, o erudito communalista de Paris, na sua obra posthuma ácerca *Du Molochisme Juif* apresenta-nos, porém, uma, que nos parece de um peso extraordinario. Vejamos as suas palavras: "Segundo a Biblia, Moysés morre, depois de ter feito acceitar pelo seu

povo as leis do Eterno, e sem ter podido entrar na Terra promettida. Josué succede-lhe e conquista o paiz de Chanaan, chamado mais tarde a Palestina. Começam aqui realmente os Annaes judaicos. Vae, sem dúvida, encher-os o grande nome de Moysés, o creador, de qualquer modo, da nação. Pois bem, não! Logo que desaparece da scena dos vivos, não se falla mais d'elle. Onze ou doze seculos decorrem mudos a seu respeito. Só por uma ou duas vezes, muito tempo depois da sua morte, o seu nome é citado, mas de um modo vago, como o de um indifferente, d'uma obscuridade. Quando se lê, no *Levitico* e no *Deuteronomio*, as minuciosas prescripções que regulam minuto por minuto todas as occupações dos Judeus, semelhante esquecimento não se julga inverosimil, mas impossivel. A memoria de um tal legislador deveria ter ficado em permanencia em todos os labios e occupar o lugar de honra a cada linha da historia nacional., (1) Este esquecimento completo do nome de Moysés, este mutismo sem exemplo nos annaes de qualquer outro povo, é por si só uma prova valiosa, mas que se torna evidente, palpavel, convincente, quando vemos, sem motivo algum que explique essa reviviscencia, surgir-nos de repente e desde então a cada passo a figura do legislador, pairando acima do povo judeu, como o seu guia, como o pharol da sua conducta. "É o que succedeu, effectivamente, continúa Tridon, desde que o Pentateuco se tornou na realidade o codigo religioso da Judéa. Moysés, o seu auctor putativo, domina toda a nacionalidade judaica, como o campanario domina a aldeia. Não se vê senão a elle, não se pensa senão n'elle; é o representante e o resumo de um povo inteiro. Como é tão recente esta notoriedade nas chronicas hebraicas, e porque ha um silencio tão absoluto durante o longo periodo dos Juizes e dos Reis, de 1600 a 600 antes de Jesus Christo? É porque Moysés nunca existiu. Moysés é um mytho, um ser imaginario., (2)

De facto pela leitura do *Pentateuco* verifica-se com facilidade que não poderia ser escripto no seculo XVII antes de Christo, quando viveu Moysés segundo a chronologia official, mas sómente passados onze seculos, durante o captiveiro de Babylonia ou ainda depois. O verdadeiro auctor do *Pentateuco*, na opinião de Tridon e de muitos outros criticos do Velho Testamento, foi Esdras, que reorganizou o povo hebreu á sahida do captiveiro, ou algum outro contemporaneo de accordo com elle ou por elle inspirado. As dúvidas sobre a authenticidade de Moysés como legislador dos Hebreus são de antiga data e igualmente a opinião de ter sido Esdras o compilador d'aquelle codigo religioso e resumo cosmogonico. Os Santos Padres e doutores da Igreja tinham vistas largas a tal respeito, e nomeadamente S. Jeronymo, que escre-

(1) Ob. cit. «avertissement».

(2) Ob. cit., *ibidem*.

veu: *Mosen dicere volueris auctorem Pentateuchi, sive Esdras ejusdem instauratorem operis, non recuso.* (1) Pelos modernos estudos criticos dos textos do *Pentateuco* desfizeram-se todas as dúvidas, e a opinião de não ter sido Moysés o auctor dos livros religiosos dos Hebreus, mas sim Esdras ou algum seu contemporaneo, adquiriu fóros de conclusão scientifica.

Posteriormente á redacção de Esdras, a Biblia soffreu ainda ampliações, córtes e alterações, que não abrangeram porém os pontos capitaes, sendo a ultima seculo e meio antes de Jesus, quando Judas Macchabeu reuniu em volume os livros dispersos em consequencia da guerra, introduzindo por essa occasião no livro dos *Numeros* uma referencia a si proprio, na qual se fazia annunciar como uma estrella, e outra passagem sobre os Romanos no meio da benção de Balaam: "Elles virão da Italia nas suas galés; vencerão aos Assyrios, e arruinarão os Hebreus...,, (*Numeros*, c. xxiv, v. 24).

A redução do grande legislador Moysés a um simples mytho e a determinação do seculo vi ou v antes de Christo como a verdadeira data do *Pentateuco*, tirando á parte mais importante da Biblia, sob o ponto de vista religioso, o valor da antiguidade e da origem, tira igualmente ao povo hebreu o character superior e sublime que o fazia distincto entre os outros povos dos antigos tempos. A incontestavel superioridade que lhe dava um monotheismo com tão affastadas raizes historicas desfaz-se inteiramente pelo exame minucioso dos seus annaes, pelo estudo absolutamente despido de preconceitos religiosos dos seus livros dos Juizes, dos Reis, etc. A antiga religião dos Hebreus, atroz e sanguinaria, como as dos demais povos da mesma raça, apparece-nos então com todas as suas negras sombras, com todos os seus horrores, porque, como affirma Gustavo Tridon: "o pretendido culto, entre os Judeus, do Deus unico, creador do céo e da terra, não é senão uma falsidade historica das mais grosseiras. Jéhovah, o Deus nacional, não é outro senão o idolo ordinario de todos os povos semiticos, o Moloch de bronze, com o ventre concavo e vermelho, que consumia vivos todos os primogenitos da população.,, (2)

A religião dos Hebreus é uma religião de sangue, e o monotheismo espiritualista que Esdras tenta implantar no seu povo, influenciado pelo contacto com nações mais civilizadas tanto moral, como intellectualmente, foi precedido por um polytheismo material e feroz de que se encontram frequentissimos vestigios nos proprios livros do *Pentateuco.* (3) Os livros dos prophetas, a parte mais brilhante da Biblia, são uma infinda serie de protestos contra o predominio das

(1) Lenormant, ob. cit., pag. xv.

(2) Ob. cit., ibidem.

(3) Em artigos especiaes occupar-nos hemos da evolução religiosa e do Molochismo entre os Hebreus.

velhas crenças, contra as sobrevivencias da antiga religião nacional, contra o espirito rotineiro e acanhado do povo, que reagia contra a reforma monotheista de Esdras; são uma litteratura revolucionaria, litteratura admiravel, sublime e unica, que é o mais brilhante documento e a maior gloria da nacionalidade judaica.

(Continúa.)

TEIXEIRA BASTOS.

A religião e a familia

(Continuação do n.º antecedente)

A posse das femeas, depois de ser realisada violentamente, e pela captura, deu-se pela compra, que “representa já uma transacção entre o marido e os parentes da noiva., (1) A mulher era perfeitamente uma cousa, um animal de carga, e a compra representa tambem uma indemnisação que aos paes da noiva se dá, pelos serviços que ella deixa de prestar-lhes.

Sobre a situação degradante da mulher entre os selvagens escreve Alfredo Maury: “o homem abandona geralmente á sua companheira a cultura do solo e os trabalhos mais rudes, e dedica-se exclusivamente á guerra, á caça e á pesca... julgar-se-ia deshonorado se pegasse n’uma enxada., (2)

Entre alguns povos, porém, como nos Gaulezes e nos Germanos era-lhes dispensada consideração.

O clima tambem influe na constituição da familia; assim, nos paizes quentes, onde apparece mais cedo a puberdade nos individuos, n’esses paizes onde tem mais força o instincto da reproducção, ha mais tendencia para a polygamia. No Oriente antigo, encontra-se a polygamia na mais remota antiguidade. Na India existia pelo menos entre os chefes como diz Lenormant, que apresenta para comprovação a seguinte passagem d’um hymno vedico: “*Ó Indra, tu estás cercado de astros como um rei de suas mulheres.,*” e mais adiante apresenta as palavras de um antigo poeta: “*como um marido cercado de mulheres rivaes.,*” (3)

Hoje ainda existe a polygamia, mas na Europa Occidental ha a monogamia, ultima phase da familia.

(1) Teixeira Bastos — «A Familia», pag. 55.

(2) Alfredo Maury — «La terre et l’homme», pag. 681.

(3) Lenormant — «Manuel d’Hist. ancienne de l’Orient», vol. III, pag. 453.

Ao passo, porém, que se foi aperfeiçoando a família, que “é a verdadeira unidade social... que apresenta espontaneamente o verdadeiro germen necessario ás diversas disposições essenciaes que caracterizam o organismo social,, (1), em quanto se dava este desenvolvimento, a religião tambem caminhava.

Esta tem a sua origem na não comprehensão dos phenomenos naturaes pelo homem primitivo; então o homem suppõe, admite entidades malignas, deuses maus cujas furias é necessario abrandar por meio de presentes e aqui temos os sacrificios.

É claro que “um corpo verdadeiramente sacerdotal não existe senão entre os povos que alcançaram uma organização social bastante adiantada,, (2)

Havia os magicos, os feiticeiros, e não verdadeiros padres. Primitivamente o sacrificio era feito pelo pae em nome da familia, ou pelo chefe em nome da tribu. Com o tempo o serviço dos sacrificios veiu a ser monopolizado por sacerdotes especiaes, que deviam conservar fielmente os ritos, o ceremonial. E assim se originou o corpo sacerdotal no antigo Oriente. Em breve esta classe creou sobre as demais um grande ascendente moral, não sem grande luta; na India a casta militar não queria perder a hegemonia que tinha sobre as demais. Tambem a justiça e a sciencia pertenceram mais tarde, exclusivamente a essa classe; foram-se pouco a pouco rodeando de um certo apparatus, que depois tornou o culto imponente e magestoso.

Era o modo de attrair os espiritos, e ainda hoje a magnificencia e a pompa, a musica e o canto attraem aos templos catholicos muita gente que sem essa circumstancia não iria lá.

Os sacrificios consistiam na offerta de productos, e tambem de victimas.

O agricultor (sedentario) offerecia geralmente aos deuses os fructos, as premicias das colheitas, em quanto o pastor (nomada) offerecia animaes dos rebanhos. Ás vezes tambem se consumava o sacrificio de um homem, geralmente um escravo ou um prisioneiro.

O padre é que depois veiu a regularisar e a consummar estes sacrificios, e tornou-se o unico competente para pronunciar sobre tal assumpto.

Quando na instituição da familia começaram a apparecer as ceremonias principiamos então a ver o padre, e ainda nem sempre.

A familia é fructo não das theorias de pessoa alguma, mas da necessidade que o homem tem da vida em commum, e de sociabilidade. Isto que hoje é ponto incontroverso para a sciencia, já havia sido dito por Cicero: “O isolamento leva o individuo á imbecilidade,, (3)

(1) Augusto Comte — «Cours de Philosophie Positive», vol. IV, pag. 398-399.

(2) Alfredo Maury — Obra cit., pag. 659.

(3) Theophilô Braga — «Systema de Sociologia», pag. 36.

As ceremonias nupciaes eram muitas, mas a mais vulgar era o rapto simulado e a resistencia da noiva, certas dadivas, a quebra da varinha, etc. (Vide sobre este curioso assumpto a pag. 62 e seguintes do livro do sr. Teixeira Bastos — *A Familia*.)

Ha um ponto importantissimo para a nossa questão, e é o seguinte: em muitas tribus intervinha o padre sancionando o casamento, temos a feição religiosa; mas em outras como entre os Mapuyes, os Guaiquiries e os Nicaraguatecas, a sancção era civil porque era o rei, o chefe da tribu e não o padre que intervinha. (1)

O que até aqui temos dito prepara-nos, talvez, para a analyse e comprehensão do procedimento do Catholicismo que teima em querer dar sancção religiosa e submeter a sacramentos actos puramente sociaes.

Tem sido essa a sua conducta principalmente depois do Concilio de Trento.

(*Continúa.*)

JOSÉ DE SOUSA.

(1) Teixeira Bastos — «A Familia», pag. 64.

Um conto biblico

Analysando isoladamente o individuo adolescente, na sua evolução das idéas religiosas, quer educado nas doutrinas do christianismo, quer nas do mahometismo, ou quaesquer outras, encontra-se a principio submissão e crença, em todos os disparates religiosos que lhe inoculam os interessados em manter essas doutrinas. A intelligencia apenas desabrochando, não tem o desenvolvimento e experiencia sufficientes para duvidar, e ainda menos para criticar, parecendo-lhe de tal modo estranho tudo que o rodeia, que as explicações que lhe são dadas nas narrações as mais fabulosas, as mais revestidas do maravilhoso e sobrenatural tendentes ao seu embrutecimento, são as que maior accitação colhem, porque mais impressionam e seduzem a sua imaginação juvenil. Mais tarde, com a experiencia da vida, as illusões do mundo cahem, deixando ver a triste realidade na verdadeira razão de ser das cousas. O que vimos examinando em cada individuo encontra-se analogo na collectividade de individuos a que se chama povo. Todas as religiões estão baseadas em contos phantasticos e sobrenaturaes, que n'uma civilisação rudimentar captivam e lisonjeam o pensamento, pela poesia que encerram.

Já não estamos, porém, na infancia intellectual, não podemos por consequencia dar o triste spectaculo do adulto, que escutasse com o mesmo prazer e credulidade de creança, qualquer historia da carochinha que lhe contassem.

Mas se isto é um facto incontroverso, tambem é uma triste verdade que, apesar da grande revolução operada pela sciencia, nós vemos nos forçados a baixar do ponto elevado em que nos achamos, para dar as honras de discussão ao que por atrazado, julgavamos de ha muito fóra de combate. Parece que fomos transportados á idade de ouro do catholicismo, em que os santos varões impunham em numerosos escri-

ptos, todos os absurdos da theologia, contra as verdades da sciencia, e moviam guerra de morte aos que a propagavam.

Enganam-se todos os que de braços cruzados, mergulhados na maior indifferença, concebendo a lei do progresso como lei fatal, irresistivel, que derruba todos os obstaculos, e attribuem a ella sómente toda a evolução sem a cooperação do seu trabalho activo.

Esquecem-se que ha quem suspire pela ignorancia dos povos; quem que, como as aves nocturnas, tenha horror á luz; quem ainda n'este seculo tenha a audacia de defender uns certos contos absurdos, com argumentos do mesmo quilate, só porque se prestam a fins damninhos, como embrutecer e escravisar.

Está n'este caso o conto biblico que vamos narrar e discutir, ainda que, com repugnancia, como já dissemos; mas uma vez que os bibliotas saem a campo para fazer proselytos queremos tornar evidente o que vale a Biblia, e seus defensores.

Samsão, um dos juizes do povo de Israel, veio ao mundo depois de ter sido o seu nascimento annunciado a seus paes, por um anjo enviado de Deus. De passagem observaremos que é verdadeiramente curiosa, a missão d'este anjo annunciador. Sarah mulher de Abrahão, bem como a mãe do personagem que tratamos, que eram estereis, como talvez a mãe de Christo, ficavam fecundadas com o apparecimento de certos Anjos vindos da parte de Deus.

Tambem, além d'estas proesas, prophetisavam certas particularidades, que distinguiriam as creanças annunciadas. Em Samsão havia a de ser dotado de uma força muscular extraordinaria; porém, esta não consistia como em qualquer simples humano, no exercicio dos musculos augmentados por consequencia em volume, densidade, e energia; mas na particularidade de nunca cortar o cabelo. Por isso quando o protagonista da opereta offenbachiana que vimos narrando, teve de sustentar uma lucta elle só, contra mil philisteus seus inimigos que naturalmente sabendo com quem tinham de lutar, vinham bem defendidos de fortes escudos e capacetes, poude, apenas armado de uma queixada de jumento que encontrou n'aquella occasião junto de si, fazer tantos cadaveres quantos adversarios, a cabelleira espessa, que segundo o texto biblico chegava para fazer nada menos de sete tranças, erriçada, medonha, como juba de leão, foi-lhe uma poderosa auxiliar porque, muito bom philisteu a tal vista morreu de susto. Eis um bom argumento para confundir aquelles que perguntam, como é que Samsão no fim da refrega, morto de sede, ainda conservava intacta a arma com que se defendeu, como fôra espada da melhor tempera, isto é a queixada, dos dentes da qual brotaram jorros de agua para o saciar.

Apesar da sua hediondez este heroe, era amado por uma joven que habitava entre os philisteus, e dirigia-se a pedil-a em casamento, quan-

do, ao passar nas vinhas de Thimnata, lhe apparece de subito um leão que bramindo se arremeça contra elle. Diz a Biblia que o Espirito do Senhor se apossou d'elle tão fortemente, que fendeu o animal feroz como quem fende um cabrito. Depois de alguns dias quando passava no mesmo sitio, para então já celebrar o matrimonio, encontrou na garganta do leão um favo de mel, e apoderando-se d'elle, o levou aos seus convidados de bodas, fazendo-lhes o seguinte enyigma: do comedor saiu comida, do forte saiu doçura. Como premio ao que o adivinhasse durante os sete dias das bodas, prometteu dar trinta mudas de vestidos, e outros tantos lençoes, recebendo-os caso não fósse adivinhado. Esta astucia que empregou para apanhar dos convidados um bom enxoval, não teve o exito que imaginava, porque a noiva possuidora da decifração, declarou-a aos interessados. Então Samsão vendo-se atraído, arremetteu furioso contra trinta Ascalonitas matando-os e roubando-lhes os vestidos, que distribuiu como promettera. Esta acção é digna de um Tropman ou de outro qualquer faccinora, ella só por si, recommenda a leitura da Biblia como um bom livro de moral e de bons costumes. O facto das abelhas se apossarem da guella do leão para abi depositarem o mel, tem dado occasião a objecções da parte dos incredulos, e a que os bibliotras ponham em campo os seus costumados argumentos sophismados. Os seguintes são bastante curiosos: ás objecções que lhes são feitas e que tornam o caso inacreditavel, de que as abelhas fogem dos cadaveres, e que nem mesmo pou-sam em flôres murchas, por evitam o mau odôr, e que os poucos dias de que falla o texto biblico sendo sufficientes para tornar infecto o corpo do leão, e insufficientes para a formação do favo, por esta demandar mais tempo, respondem muito ufanos:

“É certo que as abelhas fogem aos cadaveres e ás immundicies, e se o cadaver do leão estivesse no estado infecto de putrefacção ou de composição, decerto ellas não teriam formado o favo e o mel. Mas isto não é verdade, como se prova pelo conhecimento historico d'aquelles tempos. Sabemos pela Biblia e por muitos historiadores profanos que na Palestina existiam muitas raposas ou animaes semelhantes a estas, como querem alguns. Estas não só comiam os gados miudos, mas ainda os cadaveres, que encontravam. Pela historia de Samsão sabemos ser prodigioso o numero d'estes animaes n'aquelles tempos. É natural e muito crível que devorassem o cadaver do leão e o reduzissem a esqueleto. O sol é alli ardente e abrazador e em poucos dias podiam os ossos ficar seccos e mirrados. A guella aberta forneceu então uma especie de caixa para as abelhas fabricarem os favos de cera e mel. Acresce a tudo isto que na Palestina ha grande quantidade de abelhas errantes, que se apossam de qualquer cavidade. É por isso que as sagradas paginas dizem que n'aquella região manavam arroios de mel. A primeira parte pois da difficuldade movida pelos inimigos

da Biblia, não tem peso algum. Também na segunda parte não são os adversarios mais felizes como vamos mostrar. Não se exige tão longo espaço de tempo para o fabrico da cera e do mel, como á primeira vista parece. Todo o trabalho mechanic e chimico d'esta operação se effectua com muita brevidade. O proprio Plinio, de quem os adversarios se soccorrem, mostra que em poucos dias se operam todas as transformações necessarias. A experiencia e a observação attestam que as abelhas se pousam em qualquer ramo, e que em breves dias apparece alli um nucleo de cera e mel. Além de que o texto emprega a expressão "poucos dias,, e nós sabemos que esta locução na Biblia designa ás vezes um anno. O contexto e a archeologia favorecem esta interpretação, porque segundo o costume hebraico um anno devia medear entre a celebração dos esponsaes e o casamento. E foi n'este intervallo que se formou a cera e o mel. As difficuldades levantadas contra o texto sagrado nascem todas da ignorancia ou da má fé. O que deixamos dito é mais uma prova d'esta proposição já tantas vezes demonstrada.,,

Em face d'estas contestações apenas fazemos as seguintes perguntas: Como é que n'um paiz onde havia tanta caça que o proprio Samsão tomou tresentas raposas pelas caudas, apesar da astucia e sagacidade d'estes animaes, o leão, contra os seus habitos, deixa a floresta onde é soberano absoluto, passeia n'uma vinha, isto é, n'um lugar proximo d'um povoado, exposto a ser visto e perseguido, atacando os viajantes sem que para isso seja acochado pela fome? E que investindo contra Samsão, sendo por este fendido de alto a baixo como quem fende um cabrito, e depois do seu cadaver ter sido devorado pelas raposas e os ossos dissecados pelos raios do sol abrazador, ainda se conservava de guella aberta, offerecendo assim uma cavidade muitissimo agradavel para attrair as abelhas? A locução que emprega a Biblia "poucos dias,, querendo dizer como parece dois, tres dias, mesmo uma semana, no caso do ultimo sophisma bastava a massa encephalica em estado de putrefacção, para afugentar as abelhas, porque sendo o craneo onde ella se contém como que uma caixa de osso, com uma pequena ruptura ou orificio conhecido por buraco occipital, a pequenez d'este e as paredes do craneo, não permittiam ás raposas banque-tearem-se com aquella substancia. É muito natural que o craneo se conservasse inteiro, porque do facto do animal ter sido fendido se entende, que Samsão não levando arma alguma consigo, como diz o auctor fantasista, e confiando na sua muita força, se apoderou do fochinho e da mandibula separando-os, no momento em que ia ser devorado. Também em poucos dias os raios do sol não podiam mirrar completamente a substancia contida no craneo, por não estar exposta directamente á sua acção. E se se admittir a hypothese de um sol abrazador, tambem as abelhas não escolhiam esse logar sem abrigo,

tendo tão proximo a frescura da vinha. Se como querem os sophistas, tornarmos as palavras "poucos dias,, como significando um anno, então seria necessario um leão de museu bem embalsamado para se conservar tanto tempo de guella aberta.

Os ultimos dias da vida de Samsão foram passados na mais cruel amargura. Conhecendo o segredo da sua força os Philisteus vencedores, depois de tanta luta, vingaram-se tirando-lhe os olhos, obrigando-o a moer encarcerado. Por ultimo, não podendo resistir ás affrontas dos seus inimigos suicidou-se, fazendo desabar sobre si o palacio para onde o tinham levado, para melhor o escarnecerem. Este e outros contos semelhantes são os que compõem as sagradas paginas do livro divino — a Biblia.

A. SILVA.

Miscelanea

Um dever de gratidão, mais do que isso, uma obrigação, me leva hoje a lembrar aos livres pensadores portuguezes o passamento d'um dos soldados mais firmes, mais arrojados, que hão combatido nas nossas fileiras. E quem, entre os homens de idéas avançadas, haverá que se não recorde do propagandista convicto e activo, que sem descanço ia por entre essa turba de fanaticos acorrentados a uma religião ha muito reconhecida como bestealisadora, advogar as doutrinas da philosophia moderna. É que Santos Coelho possuia uma fórmula de propaganda tão elevada e ao mesmo tempo tão comprehensivel, que alguns dos proprios adversarios desejavam ouvil-o pugnar pelas idéas que sempre defendeu. Depois á palavra alliava elle uma honradez exemplar. E só quem justamente conquista uma auctoridade moral, quem harmonisa com as suas opiniões os actos da sua vida, têm jús á consideração dos que o escutam.

A não serem aquelles que se dedicarem ao estudo profundo das sciencias modernas, que conhecem de perto os avançamentos do progresso, que estudem Comte, Darwin, Haeckel, e tantos outros obreiros da civilisação, que não tripidam na gigantesca luta para acabar com o mytho Jehovah, e destruir todas as obscuras crenças que ainda restam dos tempos passados, ninguem entre nós póde, pelo estado de atrazo em que se encontra a sociedade, illuminar-se ao clarão resplandecente do facho da sciencia, comprehender a marcha progressiva das cousas, sem que a par do livro e da palavra, seja apresentado o exemplo do homem de character conformando os actos da sua vida com as suas firmes convicções.

Apresentar-se hoje como livre pensador, e ir amanhã rojar-se aos pés d'um bonzo qualquer, póde ser muito louvavel entre determinada *cotterie*, mas perante aquelles que sabem sustentar os principios de que se declararam adeptos, não passa de uma baixesa indigna e inqualificavel.

Poucos como o infeliz amigo de quem vimos fallando, têm feito propaganda com tanto methodo, com tanta pertinacia. Não exaggeramos. Santos Coelho poderia ainda hoje viver se não fôsem os excessos feitos na propaganda das nossas idéas. Embora debil e franzino, elle luctava como um athleta.

Emfim poucos serão os livres pensadores em Lisboa que não conhecessem este nosso desventurado amigo, e todos os que o conheceram, por si mesmos avaliarão a justiça d'estas simples palavras que aqui deixamos. E para aquelles que não o conheceram, o brilhante periodo que passamos a transcrever do magnifico discurso que o nosso amigo Teixeira Bastos, um dos talentos mais superiores da escola positiva, pronunciou á beira da sua sepultura, basta para d'elle dar uma completa idéa:

“Triste condição a do homem! As leis naturaes obram cegamente sem respeito, sem consideração pelas aspirações e pelos desejos da fraca especie humana. Cruel ironia. Foi a essas leis inconscientes que nossos antepassados chamaram Providencia, Destino, Deus, nomes pomposos que escondiam o temor e a ignorancia.

“Antonio dos Santos Coelho, o desditoso amigo que hoje pranteamos, era dos que queria a reorganisação da sociedade sem Deus e sem rei; tinha convicções arreigadas e um ideal de justiça que o dirigia em todos os seus actos, pensamentos e palavras. Não conhecia a transigencia. Os seus amigos eram os que nunca se affastavam da linha de conducta uma vez traçada, os que se sabiam manter com firmeza na defeza dos principios avançados, os que tinham coragem para desprezar os obstaculos e as malquerenças. Estimava-os porque o seu caracter tinha a rigidez do aço.

“Era um modelo de abnegação e de modestia.

“Como apostolo da democracia a sua propaganda desassombrada e permanente ganhou innumeraveis obreiros para a causa da Republica e do livre pensamento. Quantos dos que estão presentes não lhe devem as idéas que professam! Muitas e muitas vezes o vimos contente e entusiasmado a ensinar os ignorantes, a converter os adversarios, a doutrinar os indifferentes. Cada triumpho, cada novo adepto que fazia, valia-lhe um dia de intimo contentamento. Era o seu unico prazer no meio das attribulações, dos desgostos e das dôres que lhe minavam a existencia.,,

O *Seculo* de 14 de março de 1884 tambem lhe dedicou, entre outras, estas merecidas linhas:

.....
 “Correligionarios como este a quem iremos prestar hoje a nossa homenagem de profundo respeito e saudade são raros; e por isso o *Seculo* lamenta com verdadeiro sentimento a perda de Antonio dos Santos Coelho.

“A dôr que n'este momento nos afflige não nos permite ser mais extensos; e mesmo dedicando só umas singelissimas palavras á sua memoria, respeitamos a sua vontade, pois que o nosso infeliz amigo, demasiado modesto, desprezava os extensos louvores. Era um convicto republicano federal e livre pensador, porque satisfazia assim os impulsos da sua consciencia recta e pura.,,

No dia 14 de março de 1886, completam-se dois annos depois que o nosso querido companheiro foi lançado nas gélidas entranhas da terra. A *Associação Propagadora do Livre Pensamento* não deve deixar passar esta data funebre sem mostrar que a não esqueceu nem esquecerá nunca.

Novembro de 1885.

AGOSTINHO GONÇALVES CAMPOS.

No mez de outubro ultimo onze virgens do norte de Portugal abandonaram os seus lares, os seus parentes, todas as ridentes esperanças da vida para se devotarem ao amor divino, indo professar á França, como os jornaes noticiosos diziam. Sairam do Porto guiadas por qualquer bom sacerdote que tirou estas creaturas ao mundo, ao trabalho util, de reciprocas vantagens sociaes, convertendo-as em entidades mysticas, uns saccoes de orações, que o menos mal que fazem é consumirem sem produzir cousa alguma de util, a negação de todo o progresso, da familia e do grandioso principio do altruismo.

Foram-se por nossa felicidade estas beatas e muitas ficam por cá ainda. Infelizmente como se não bastasse a tendencia manifesta que as classes dirigentes da sociedade portugueza mostram pelo ultramontanismo, ainda o representante da republica franceza se associa a estas protegendo sem robuço entre nós os propagandistas e os collegios ou coitos jesuitas. Mal imaginam os nossos correligionarios francezes que traficancias religiosas a sua bandeira não encobre por aqui. Que outra cousa ha de ser, se o ministro da republica, em Portugal, é o intimo do director mental da nossa aristocracia e burguezia argentaria, e quasi todos os dias, na missa, lhe beija a mão e lhe recebe a benção!

Falleceu o filho do nosso amigo João Augusto da Cruz e foi sepultado civilmente. A este acto assistiu um representante do *Centro de Lisboa da Associação Propagadora do Livre Pensamento*, acompanhando na dor o nosso dedicado consocio.

A falta de espaço obriga-nos a retirar um artigo do nosso consocio Severo de Medina, que fica composto para o proximo numero.

O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Canastras, n.º 22, 1.º — Lisboa

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA EM TODO O PAIZ

3 mezes.....	120 réis
6 «	240 «
1 anno	480 «

Pagamento adiantado

EXPEDIENTE

A todos os nossos amigos dos diversos pontos do paiz, que tantos esforços têm feito para que a nossa publicação se desenvolva, os nossos sinceros agradecimentos em nome da causa que defendemos, esperando continuem a prestar-nos o seu energico e valioso auxilio. Prevenimol-os, ao mesmo tempò, de que por estes dias deve, pelo correio, principiar a cobrança do primeiro semestre.

A ADMINISTRAÇÃO.

A falta de es,
Severo de Medina, que